

Discurso na solenidade de assinatura de ato de constituição da Veracruz Celulose, associação do grupo sueco Stora com o grupo Odebrecht, para a produção de celulose branqueada de eucalipto

SALVADOR, BA, 26 DE SETEMBRO DE 1997

Senhor Governador Paulo Souto; Senhor Presidente do Senado, Senador Antonio Carlos; Senhores Ministros de Estado que aqui se encontram; Senhores Parlamentares; Senhor Embaixador Christer Manhusen, da Suécia, que aqui se encontra; Senhor Presidente do Grupo Stora, Lars Bengtsson; Senhor Presidente da Organização Odebrecht, Emílio Odebrecht; Senhoras e Senhores,

O Governador Paulo Souto disse hoje, agora, de público que eu fui considerado baiano. Sou tão baiano que hoje já estou aqui com a fitinha do Senhor do Bonfim.

Eu tenho inveja da Bahia. E há muitas razões para ter inveja da Bahia. A Bahia tem esta liderança conhecida, reconhecida e aplaudida na Bahia, que tem marcado, no Brasil, por sua presença, aqui, na Bahia, por sua presença no Governo e por sua presença no Parlamento.

O Presidente do Senado é baiano. O meu líder é baiano – o Luís Eduardo. Ministros baianos. Parlamentares que nos ajudam. Empresários baianos. Não é fácil encontrar, num dado momento da história, um conjunto tão favorável como o que encontramos hoje, na Bahia.

Tenho inveja, mas no bom sentido. Agora que sou baiano, não preciso ter inveja mais. Mas tenho, porque, no prazo de um mês, é a segunda vez que eu venho aqui, a Salvador. Outro dia, era um contrato de 1,7 bilhão, algo assim. Agora, 1,6 ou 1,7 bilhão. Em um mês. Lá, em Brasília, fico esperando um ano para chegar a tanto. Isso mostra a vitalidade da Bahia.

E, neste momento, nós estamos aqui celebrando uma associação que tem uma importância muito grande. Uma empresa multissecular, que se junta a uma empresa de tradição, no Brasil, que vai aceitar o desafio conjunto da globalização, com tudo que isso implica: de risco, de vantagem, de dificuldades. E com a consciência de que as empresas que são atores, num nível internacional, num nível global, sabem que têm uma responsabilidade social muito grande. Já foi aqui mencionada, pela questão do meio ambiente, a preservação da Mata Atlântica. Mas, certamente, não se limitará só a isso, porque, na verdade, essas empresas que se associaram aqui têm uma vinculação imediata com a sociedade brasileira e com a sociedade baiana. E uma responsabilidade, diante dessas sociedades, no momento em que tantas transformações ocorrem no País. O Governador Souto foi generoso, ao referir-se à influência minha e à do Governo Federal nessas transformações. Mas é verdade que o Brasil todo, hoje, se transforma.

Neste momento, é fundamental que as empresas entendam que, se elas têm o lucro como condição da sobrevivência, esse lucro só se justifica quando elas são, também, socialmente responsáveis, quando são solidárias com os desafios do povo e da sociedade.

Nesta manhã, tanto em Juazeiro quanto em Petrolina, nós vimos – já mencionou o Governador – um esforço na questão da irrigação. E lá se vê o quanto é preciso fazer, ainda, para integrar mais a população mais pobre do Brasil e para que essa população possa ter um horizonte, possa ter uma esperança e uma perspectiva.

Esse horizonte, essa esperança e essa perspectiva só nascem, se nós formos capazes de ter projetos bem concebidos, que requerem estabilidade. Estabilidade democrática, estabilidade financeira. Mas, estabilidade não quer dizer, apenas, haver eleições, não haver golpes. Isso, no Brasil, é passado. Não quer dizer, apenas – e isso é mais recente – termos

uma moeda que tem capacidade de manter o seu valor pelo tempo afora. Quer dizer mais do que isso. Quer dizer ter a expectativa de que as coisas – uso a expressão do Governador – estão melhorando.

Não significa que elas estejam sendo uma maravilha ou que tudo esteja resolvido, porque não está. Mas o que dá tranqüilidade, o que dá estabilidade a uma nação é a confiança de que o dia de amanhã vai ser melhor do que o dia de hoje e que o de dia hoje foi melhor que o dia de ontem.

E nós vivemos esse momento, no Brasil. Nós vivemos num momento em que os brasileiros todos sabem – é só recordar um pouquinho – que hoje está melhor do que foi há alguns anos. E temos todos, também, a confiança de que, amanhã e nos anos futuros, vamos ter uma vida melhor. Sobretudo melhor para aqueles que mais precisam de melhorar suas condições de vida.

Esse horizonte é que permite a empresa operar. Uma empresa que vai investir, num horizonte de dez anos, se ela não tiver confiança, não investe.

Eu creio que o capital maior que nós temos hoje, no Brasil, é que nós recuperamos a confiança em nós próprios. Nós, hoje, voltamos a acreditar no Brasil, nos brasileiros e nas brasileiras. E isso sem pretensão, sem imaginar que esteja tudo resolvido, sem imaginar que vai ser fácil, porque não é fácil. Mas nós voltamos a acreditar que vamos construir, juntos, um futuro melhor para os nossos filhos e para os nossos netos.

Pois bem, mais uma vez aqui, hoje, recolhe-se a sensação de que esse futuro virá mesmo e que, aqui, na Bahia, já é presente. Devo dizer também que o Governador Paulo Souto tem sido incansável no trabalho e no apoio ao Governo Federal. Apoio também da bancada baiana aqui presente, que nunca me faltou. O Senador Antonio Carlos tem sido de uma capacidade de conduzir o Senado com presteza e com, eu diria, lealdade. Não a mim. Aos nossos projetos, ao nosso programa de Brasil, que requerem, muitas vezes, que se vá mais depressa, que requerem, muitas vezes, que não se faça, a toda hora, contemporização com interesses, que não são os públicos, que requerem que se exerça autoridade sem abuso, mas na devida medida, para que as coisa andem.

Ora, nós temos assistido, ainda agora, a que as coisas estão andando no Senado da República, como estão andando no Congresso Nacional. Precisam andar mais depressa, para que nós possamos, realmente, dar um horizonte mais largo e maior confiança. Nós precisamos, Senhores Parlamentares, fazer as reformas que peço. Há dois anos e meio, eu prego essas reformas. E não prego pelo gosto de pregar reformas, mas porque elas são essenciais para que nós tenhamos um desenvolvimento econômico mais garantido, uma estabilidade maior e a possibilidade de, sem demagogia, mas com continuidade, resolvermos as questões sociais.

Apieda-me ver, às vezes, pessoas clamando pelo social e vendo votar contra a possibilidade de ele ser atendido, sem mesmo ter a capacidade de deslumbrar uma relação elementar entre causa e feito; empresários pedindo que se baixem as taxas de juros e não se fazendo a força necessária para que haja medidas conducentes para baixar essas taxas de juros e, muitas vezes, nem sequer fazendo o empenho necessário na parte tecnológica para que a produtividade aumente. Mas isso nós vamos vencer, porque nós estamos a sentir que o desafio nosso está ao alcance das nossas mãos, porque nós sentimos, todos nós, brasileiros e brasileiras, que o povo já sabe o que quer.

Então, Senhores Empresários, Senhor Presidente da Stora, Senhores Empresários do Brasil, ao firmarem este documento, hoje, ao concretizarem esta operação na área de celulose, na verdade, estão dando um passo a mais no mesmo sentido das transformações a que nós todos almejamos, que é o progresso. Que esse progresso seja compartilhado, que dele não resulte um concentração de renda, mas que dele resulte o bem-estar maior dos nossos povos.

Saúdo-os, por terem tido a coragem de investir a longo prazo. E não preciso dizer senão que acertaram ao vir para a Bahia, ao vir para o Brasil e ao continuar acreditando que o futuro começou já, aqui e agora.

Muito obrigado.